ENSAIO TEÓRICO DA SENSAÇÃO NOS ESPÍRITOS

257. O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata.

A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito.

*Ou seja: a fonte da dor - pelo menos da dor aqui sendo tratada - é sempre o corpo físico. As impressões que o Espírito tem da dor são sempre provenientes do corpo físico. Por isso Kardec diz que a percepção é o efeito.*

A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se.

*O Espírito pode sofrer muito com as sensações de dor que ele venha a ter mas não é no Espírito que está a origem da dor. O Espírito não pode ter sua constituição alterada por circunstâncias ou elementos que afetam o corpo físico, tais como o gelo e o fogo.*

Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão.

*Os traumas que uma pessoa vive tais como um acidente ou uma situação de violência são exemplos do que Kardec cita nesse parágrafo. Embora a pessoa não esteja mais naquela condição física - o acidente ou o ato de violência - como as impressões causadas foram muito fortes, o cérebro as registrou de maneira tal que, basta a recordação daqueles momentos para que o corpo físico se ressinta de tudo o que viveu anteriormente. Essas impressões são tão fortes que elas podem causar o adoecimento ou mesmo a morte do corpo físico.*

*Outro exemplo que Kardec dá é das pessoas que conservam sensações em partes do corpo que já não possuem mais. Muitos de nós já ouvimos falar de pessoas que sentem dor ou coceira, por exemplo, em um braço ou uma perna que foi amputada. O membro não está mais ali, mas como o cérebro ainda carrega essa impressão, a sensação que a pessoa vive é de que ainda possui o membro e ele dói ou coça.*

Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritas; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na idéia, que tão freqüentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir.

*Aqui Kardec fala que, entender a natureza do perispírito e suas relações com o corpo físico é a chave para compreendermos a razão pela qual o Espírito diz ter as sensações que somente podem ser percebidas pelo corpo físico.*

O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores.

*Sabemos que o perispírito é obtido a partir do fluido universal e esse tem características próprias em cada mundo. Assim, o fluido universal em Júpiter é diferente do fluido universal aqui na Terra. Por consequência, o perispírito dos Espíritos que habitam Júpiter é diferente do nosso perispírito, que habitamos a Terra.*

*O perispírito é de uma matéria muito mais sutil que a do corpo físico, mas ainda assim é matéria. Ele mantém uma relação com a vida orgânica mas não com a vida intelectual visto que essa é propriedade exclusiva do Espírito e não da matéria.*

No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais.

*Esse é um ponto muitíssimo interessante: o corpo físico é constituído de órgãos especializados. Só conseguimos ver através dos olhos; nosso paladar só existe na boca; o olfato no nariz e assim por diante.*

*Enquanto está encarnado, o Espírito recebe as sensações físicas, através do perispírito, obedecendo à essas regiões, visto que o perispírito está intima e fortemente ligado ao corpo físico.*

*Mas, por decorrência da morte do corpo físico, o perispírito não se encontra mais limitado à região dos olhos para ver, à da boca para sentir o gosto ou à do nariz para sentir cheiros. Podemos dizer que a visão, o paladar e o olfato encontram-se espalhados por todo o perispírito.*

Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia.

*Aqui Kardec chama nossa atenção para não nos confundirmos: o corpo físico sempre estará limitado a receber as sensações através de seus órgãos. Por isso, uma pessoa que tenha nascido com deficiência nos olhos não pode enxergar e uma lesão grave no coração causa a morte do corpo físico.*

Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseguintemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa.

*Os agentes externos capazes de causar dor e mesmo a destruição do corpo físico nenhuma ação podem exercer sobre o Espírito, ou, se preferirmos, sobre o perispírito.*

*O fogo, o gelo, o golpe de um objeto perfurante, os efeitos de uma substância química tal como um ácido, não podem afetar nem alterar a constituição do perispírito. Esses agentes só podem exercer alguma influência na aparelhagem física. De maneira direta, eles nunca afetam o perispírito e muito menos o Espírito.*

*Aí alguém pode questionar o seguinte: "Mas a literatura espírita nos fala que, espíritos que cometeram o suicídio podem renascer com deficiências físicas relacionadas ao método que utilizaram para cometer suicídio. Uma pessoa que ingeriu veneno pode renascer com problemas de fala, aquela que atirou contra a própria cabeça pode renascer com deficiência mental e assim por diante".*

*Sim, isso é verdade mas nós temos que compreender que nesse caso, quem sofreu o impacto primeiramente foi o corpo físico e esse impacto transferiu-se para o perispírito. Como foi dito anteriormente, a ligação do perispírito com o corpo físico no Espírito encarnado é muito forte.*

*Qualquer alteração brusca causada na constituição do corpo físico, vai causar reflexos no perispírito. O perispírito é de natureza plástica, moldável e permanece com o Espírito após a morte do corpo físico. Portanto, mesmo após a morte do corpo físico, o perispírito conservará os danos provocados pelo suicídio.*

*Daí decorre que, ao renascer, o novo corpo físico reflete os danos existentes no perispírito.*

Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.

Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito.

Disse-nos, certa vez, um suicida: “Não, não estou morto.” E acrescentava: No entanto, sinto os vermes a me roerem. Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo.

*O tempo necessário para que o perispírito se desprenda do corpo físico varia de Espírito para Espírito. Nos Espíritos evoluídos esse tempo é muito curto. Nos Espíritos inferiores a separação pode demorar bastante.*

*Enquanto houver o vínculo entre perispírito e corpo físico - ainda que já não exista mais vitalidade no corpo físico - o perispírito continuará a receber as impressões assimiladas pelo corpo físico.*

*Kardec cita como exemplo um suicida que não compreendia estar morto mas que sentia os vermes roendo o corpo em decomposição. É o que acontece também com os Espíritos demasiadamente apegados ao corpo físico e à matéria: por não aceitarem ou não compreenderem a morte, permanecem vinculados ao corpo e sofrem as consequências das impressões decorrentes da deterioração da aparelhagem física.*

Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso.

*Aqui Kardec explica mais uma vez que, quem recebe os estímulos externos é o corpo físico e esses estímulos são transmitidos ao Espírito pelo perispírito.*

*Quando, por exemplo, colocamos a mão sobre uma superfície quente, quem primeiro recebe o estímulo do calor é o corpo físico. Como o perispírito está intimamente ligado ao corpo físico, a sensação de calor é recebida no perispírito que, por sua vez, a transmite ao Espírito.*

Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral.

*É aquilo que comentamos anteriormente: desvinculado do corpo físico, o perispírito pode sentir em toda sua extensão. Ele não está mais limitado pelas imposições dos órgãos físicos. A visão e a audição, por exemplo, podem ser percebidas em toda a extensão do perispírito.*

Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa.

*A consciência das sensação reside efetivamente no Espírito. O perispírito é apenas o instrumento dessa percepção, como o corpo físico era quando o Espírito se encontrava encarnado.*

*Kardec explica que, se fosse possível existir o perispírito sem o Espírito, ele, o perispírito, não teria sensações, assim como não as tem o corpo físico morto.*

É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

*Aqui está a explicação do porquê os Espíritos puros não sofrerem a influência da matéria: podemos dizer que, pela evolução do Espírito, seu perispírito tornou-se tão etéreo, que ficou imune à influência da matéria. Ela já não exerce mais nenhuma influência sobre o perispírito e, consequentemente, sobre o Espírito.*

Parei aqui no estudo do dia 25/09/2023

Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais idéia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? Até lá não vai a nossa ciência. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por inadequada a nossa linguagem a exprimir idéias que não possuímos, precisamente como o é, por falta de termos próprios, a dos selvagens, para traduzir idéias referentes às nossas artes,ciências e doutrinas filosóficas.

*Essa é uma pergunta que nós poderíamos fazer: se os Espíritos superiores deixam de receber as impressões da matéria, então eles "perdem" tanto as más quanto as boas impressões. Olhando por esse ponto de vista, evoluir não seria tão bom. Afinal de contas, há muitas coisas boas e belas em nosso mundo que, se deixássemos de as perceber, tornariam nossas vidas sem graça.*

*Porém, Kardec nos explica que estamos considerando apenas as sensações causadas pela matéria mais grosseira. Existem outras fontes de sensação que escapam completamente à nossa compreensão.*

*Os Espíritos superiores podem experimentar belíssimas sensações com as quais nós nem sonhamos e essas sensações têm sua origem em coisas com as quais nós nem sonhamos.*

*Não é o nosso foco aqui mas, apenas a título de exemplo, basta vermos o que Mozart, o grande compositor clássico que viveu no século 18 nos fala sobre a vida, a música e a natureza no planeta Júpiter.*

*Os Espíritos já nos disseram que Júpiter é o planeta onde habitam os Espíritos mais elevados do nosso sistema solar. Mozart vive lá. Ele foi um dos maiores compositores da história da humanidade mas diz que a música daqui não se compara à música que existe em Júpiter.*

*É óbvio que a música de Júpiter não se produz com os mesmos instrumentos e pelos mesmos meios que se produz aqui na Terra. Se Mozart, que compôs obras maravilhosas, consegue apreciar a música existente em Júpiter, os meios pelos quais os Espíritos que habitam Júpiter percebem os sons, os aromas, as cores etc. são completamente diferentes dos nossos.*

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos.

Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções.

Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza.

*Aqui Kardec reforça os conceitos apresentados anteriormente: Espíritos menos evoluídos possuem perispíritos mais densos e são, portanto, mais suscetíveis à matéria densa e grosseira do nosso mundo.*

*E diz mais uma vez que a percepção do Espírito desencarnado se dá de maneira diferente da nossa. Eles percebem o som sem a necessidade das vibrações sonoras e conseguem enxergar mesmo na ausência da luz.*

Haurido do meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do pólo ao equador.

Quando vêm visitar-nos, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir.

Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa são obrigados a ouvir — os conselhos dos Espíritos bons.

*Além do perispírito ser constituído do fluido universal próprio do mundo onde o Espírito habita, quando o Espírito transita de um mundo a outro, é preciso que seu perispírito se ajuste ao mundo que ele irá visitar. Mesmo os Espíritos superiores precisam dessa adaptação.*

*Kardec também diz que os Espíritos, sejam os superiores, sejam os inferiores, têm a capacidade de selecionar aquilo que lhes pode causar as sensações. Porém, no caso de Espíritos inferiores, eles não podem fugir aos conselhos dos bons Espíritos.*

A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores.

*A faixa vibratória em que o Espírito se encontra influencia naquilo que ele é capaz de perceber. Na literatura Espírita, sobretudo nas obras de André Luiz, encontramos diversos relatos de Espíritos inferiores que não conseguem perceber a presença de guias e mentores. Como a faixa vibratória deles é muito inferior à dos mentores espirituais, eles não conseguem detectar a presença dos Espíritos superiores.*

Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinito, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

*Resumindo: ver e ser visto também obedece à hierarquia espiritual. Os Espíritos mais elevados sempre têm autoridade sobre os Espíritos mais inferiores e isso se aplica também à visão.*

Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranqüilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis nos informais de que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento.

Ah! sim, pode dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal.

*Esse é um questionamento que muitos de nós podemos fazer. Na verdade é mais um equívoco do que uma dúvida. A natureza não dá saltos. O simples fato de desencarnar não torna puro o Espírito. Ver-se livre dos sofrimentos, sofrer menor influência da matéria depende e sempre dependerá do grau de evolução do Espírito.*

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito.

Os sofrimentos por que passa são sempre a conseqüência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles.

*Encarnado ou desencarnado, os sofrimentos pelos quais o Espírito passa são sempre uma consequência de seus atos. A diferença está na natureza dos sofrimentos: no Espírito desencarnado, suas dores não serão físicas, mas sim, morais. E essas podem ser tão pungentes quanto as dores físicas.*

Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos dolorosas sensações experimentará. Ora, está nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual.

Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência.

*Essa a fórmula para que o Espírito construa sua felicidade. É o conselho que tantos Espíritos superiores nos têm dado. Claro que, habitando um corpo carnal e vivendo em meio à matéria, não nos é possível uma independência total dela. Não podemos de forma alguma, a pretexto de evoluir rapidamente, deixar de comer, beber, dormir ou descansar. Nossa condição de Espíritos encarnados nos impõe essas obrigações.*

*Mas se pautarmos nossa conduta de vida nas coisas do mundo espiritual, sofreremos muito menos aqui e certamente também depois que desencarnarmos.*

Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles lhe deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral.

*Viver no mundo sem pertencer ao mundo. Foi o que Jesus nos ensinou quando disse que Ele venceu o mundo. Vivendo mais pelo espírito do que pelo corpo, ao deixarmos a vida material sentiremos a alegria do retorno sereno e tranquilo à nossa verdadeira pátria.*

Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-los passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas idéias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo.

Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas conseqüências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.

*Ninguém escapa à Justiça Divina. Embora Deus não nos castigue e, sim, nos dê a oportunidade de nos redimirmos dos erros dessa e de outras vidas, sofreremos sempre na proporção daquilo em que erramos. Não cabe a ninguém, se não a nós mesmos, a culpa pelos nossos sofrimentos.*

*Quando aprendermos a viver no mundo sem pertencer ao mundo, diminuiremos em muito nossos sofrimentos, estejamos encarnados ou desencarnados.*